

ESTRUTURAS RELIGIOSAS E TURISMO: O CASO DO CONVENTO DOS LÓIOS DO PORTO

EDUARDO C. CORDEIRO GONÇALVES

*Professor do Instituto Superior da Maia
Coordenador da Licenciatura em Turismo e do CEDTUR/ISMAI*

Palavras-Chave: Porto; Património; Procura turística;

A baixa portuense encontra-se hoje em franca remodelação que perpassa pela reabilitação urbana como acontece com o Morro da Sé, com o eixo das ruas do Mouzinho e das Flores e com o desenvolvimento dos trabalhos no quarteirão das Cardosas, nos Aliados. É neste mesmo quarteirão que se localiza o edifício remanescente da antiga colegiada dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista ou convento dos Lóios, edificação que vai albergar, brevemente, uma unidade hoteleira que pretende proporcionar à cidade um “turismo de charme”. Com efeito, o futuro Intercontinental Porto Palácio das Cardosas irá proporcionar uma centena de quartos, seis suites, quatro salas destinadas à realização de conferências, isto além de um SPA, fitness center, restaurante *à la carte* e bar-lounge. O projecto integra ainda uma galeria de comércio qualificado, 54 apartamentos de classe média-alta e 29 escritórios e ateliês. Com efeito, está já em marcha o projecto de reconversão de um dos edifícios mais emblemáticos da cidade, delimitado pelo Passeio das Cardosas, pelo Largo dos Lóios, pelas ruas de Trindade Coelho e das Flores e pela Praça de Almeida Garrett. Demais, estamos perante um projecto que pretende ser também um contributo para a inversão da tendência de desertificação da Zona Histórica do Porto que, até há bem poucas décadas atrás, era marcada por um intenso fervilhar de vitalidade comercial, social e cultural.

Trata-se de um processo complexo de reabilitação urbana, espoletado pela Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) e identificado no seu Masterplan¹, envolvendo a transformação de 42 parcelas (e um número aproximado a este de edifícios), tendo sido necessária a demolição dos diversos anexos que se foram apensando nos últimos anos no interior do quarteirão, desde que o acesso para a pequena praça por trás da monumental fachada do edifício foi encerrada.

Em suma, propõe-se aqui, tão-só, um apontamento em torno da história de uma das mais emblemáticas edificações religiosas da cidade do Porto, agora redimensionada e recuperada para a actividade turística.

1. Ora, o Palácio das Cardosas, como hoje é conhecido o edifício do antigo cenóbio, está repleto de memória e constitui um património monumental que, desde a extinção das ordens monásticas com o liberalismo, no século XIX, foi sendo

¹ www.portovivosru.pt

votado à voragem dos tempos. Uma primeira edificação remonta já aos finais do século XV, sendo o actual edifício marca de uma fase de abundância da colegiada dos Cónegos Lóios, obra iniciada no século XVIII com o esboço do arquitecto Costa Lima e para a qual contribuiu o empenho da própria edilidade.

Com efeito, o edifício acolheu a colegiada de St^o Elói do Porto, uma das mais relevantes comunidades cenobíticas desta cidade na Época Moderna², cujos frades eram vulgarmente chamados de Lóios ou Cónegos Azuis, comunidade derivada da congregação italiana dos Cónegos Seculares de S. Giorgio inAlga de Veneza. Sem embargo, como o nota Eduardo Nunes, a “cópia portuguesa conseguiu igualar em esplendor o original, e superá-lo largamente na duração”³. Realizando a síntese entre as ordens monásticas e mendicantes, os Cónegos Seculares de S. João Evangelista surgem na sua fundação com o intuito de reformar pelo exemplo o clero relaxado.

O ano de 1420 é comumente aceite como o da pré-fundação da congregação em torno de uma pequena e efémera comunidade na igreja dos Olivais, em Lisboa, que com as diligências de Afonso Nogueira, junto do papa Martinho V, acaba aprovada em 1427. Definida a arquitectura orgânica e funcional da congregação, os seus padres vão reiterando um lugar charneira nas organizações monásticas de então⁴.

Na história da difusão desta congregação pelo país avulta a criação de uma teia de edificações monásticas abarcando todo o território, bem como a tarefa administrativa de alguns hospitais. Desta forma, em 1438 foi cedido aos cónegos de S. João Evangelista o mosteiro de Recião, antigo convento de monjas beneditinas e, em 1442, é-lhe confiado pelo regente D. Pedro, o hospital de St^o Elói, em Lisboa⁵.

Também em Lisboa, por testamento de D. Isabel, primeira protectora dos padres lóios, foi construído em Xabregas o mosteiro que viria a ser a casa-mãe da congregação. Em 1485 iniciou-se a construção de um novo convento sediado em Évora⁶, hoje a conhecida Pousada dos Lóios, integrada na rede das Pousadas de Portugal. À fundação da casa de Xabregas e Évora outras se seguiram, entre o século XV e XVII, tal o caso de Santa Cruz de Lamego, Espírito Santo de Vila da Feira, Nossa Senhora da Assunção da Vila de Arraiolos e o Colégio de Coimbra⁷. É nesta estratégia de difusão da congregação pelo país que acaba inscrita e edificação do cenóbio lóio do Porto, no último quartel do século XV.

Nas palavras do cronista da congregação, o pregador padre Francisco de Santa Maria, vivia por esta altura na cidade do Porto uma “mulher authorisada

² SANTA MARIA, Pe. Francisco de, 1697 – *O ceo aberto na Terra. História das sagradas congregações dos Cónegos Seculares de S. Jorge em Alga de Veneza e de S. João Evangelista*. Lisboa: Officina de Manoel Lopes Ferreira, Cap. XII, 235.

³ NUNES, Eduardo, 1963 – *D. Frei Gomes*. Braga: Ed. Autor, 354.

⁴ MARQUES, José, 1988 – *A arquidiocese de Braga no século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 874.

⁵ ALMEIDA, Fortunato de, 1967 – *História da Igreja em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 340.

⁶ ALMEIDA, 1967: 472.

⁷ ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (A.D.P.) – *Cartório de Sat^o Elói*, Lv^o 87, fols. 393 e 600.

e virtuosa”⁸ de nome Violante Afonso, viúva de Martim Lourenço, “caldeireiro e depois mercador”, que possuía junto ao muro da cidade, pela parte do Postigo da Fonte da Arca, uma propriedade localizada na chamada *cividade*, composta por horta, canavial, fontes e casas que obtivera por “compra e descambio” com o cabido. Dentro deste mesmo circuito estava implantado um oratório da invocação de Nossa Senhora da Consolação⁹. Aliás, em trabalho retrospectivo, Andreia da Cunha Freitas lembra que D. João de Azevedo, à altura bispo do Porto, andava “empenhado na fundação de um convento de padres lóios”¹⁰.

Não dizem, porém, os padres Santa Maria e Pereira de Novaes que a Câmara do Porto tivesse contribuído para a fundação do novo mosteiro. Sendo esquecimento injusto, devemos recordar a existência, à guarda do Arquivo Histórico Municipal do Porto, de duas cartas de D. João II agradecendo “o favor, honra e esmola” ou “caridade, amor e boa vontade” com que a municipalidade portuense auxiliara na conjuntura os padres lóios¹¹.

Todavia, existe ainda prova directa da boa vontade com que a Câmara os ajudou, ou seja, a acta da vereação municipal, de 9 de Maio de 1495, sob a epígrafe “Acordo do Chão da cidade que rerom aos padres do mosteiro novo de Santeloi”¹². Desta acta conclui-se que o Senado da edilidade cedera aos lóios “um pedaço de rossio que vem ao longo do Rio da Vila, desde a parede e tapagem da horta do dito mosteiro”.

Sobre a localização do convento, o padre Jorge de S. Paulo apresenta uma notável descrição no seu *Compêndio do Cartório*, manuscrito inédito do século XVII, à guarda do Arquivo Distrital do Porto:

“O circuito de terra que nos doou Violante Afonso incluía em si as propriedades seguintes: o Campo do Ribeiro com suas casas que hera prazo de vidas do mosteiro de St^a Clara desta cidade [...], o cercado da torre com seu quintal e oratório da Senhora da Consolação. O cercado do tanque com suas cazas, o cerco dos loureiros. A Camara desta cidade deu hum pedaço ou campo do poço que comprou o Pe. Manoel por 4 v. Huas cazas junto à portaria que vendeo Gaspar Lopes que derrubarão outras cazas abaixo destas que farão de Bras Pires que por descambio com a Misericórdia eirão foreiras ao Hospital de St^o Ildefonso que também se derrubarão. Estas são propriedades que se derrubarão e se desfizerão para edificar este convento com todas as suas officinas”¹³.

⁸ SANTA MARIA, 1697: 507

⁹ A. D. P. – *Cartório de St^o Elói*, Lv^o 87, fol. 4.

¹⁰ FREITAS, Eugénio Andreia da Cunha, 1947 – *O convento novo de St^a Maria da Consolação (Padres Lóios)*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 3.

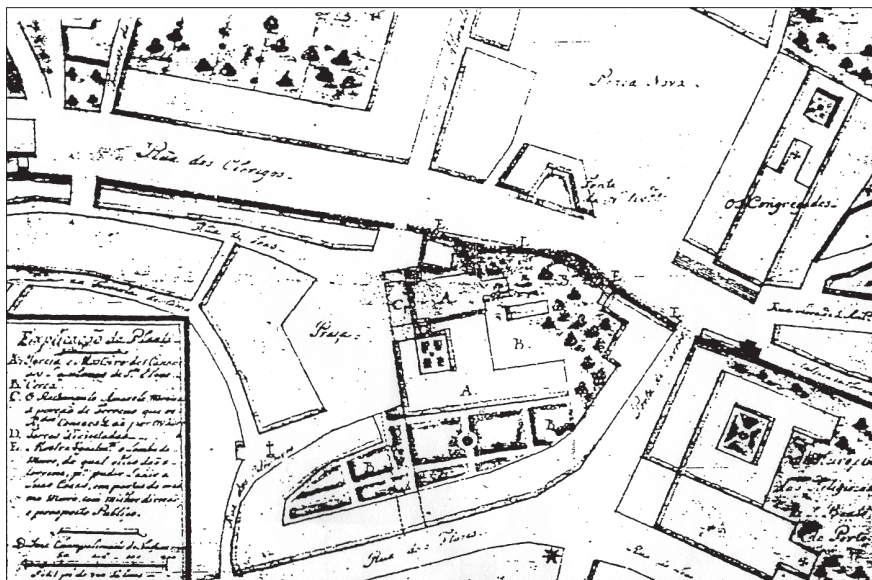
¹¹ ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO (a. H. M. P.) – *Livro Antigo de Cartas e Provisões*, fols. 67 e 69.

¹² Arquivo Histórico Municipal do Porto (A. H. M. P.) – *Livro de Vereações*, n^o 6, fol. 98.

¹³ A. D. P. – *Cartório de St^o Elói*, Lv^o 87, fols. 11 e 12.

Para o beneditino Pereira de Novais a fábrica do convento situou-se “cerca de la puerta de la cidade, que se llamava del Viminal, por se Salir por ella qa aquellas espaciosas huertas que oy vemos, junto de Fuente del Arca, en donde se plantavam y cresciam entonces muchos mimbras, y se servia y passo para esse campo y hortas del Viminal”¹⁴. Sobre as esmolos dadas para a fábrica da primeira fundação do convento, o padre Jorge de S. Paulo apresenta-nos o seguinte rol de benfeitores:

“Violante Afonso deu quarenta mil rs [...]; o bispo D. João de Azevedo cento e quarenta mil rs [...]; o bispo D. Diogo de Sousa vinte mil rs [...]; A rainha D. Leonor, molher del Rei D. João o segundo trezentos mil rs [...]; Vilar de Frades, alem do muito pão e vinho que deu para os officiaes, sessenta mil rs [...], Stº Elói de Lisboa trinta e cinco mil rs [...]; o Pe. Pires da Ilha doze mil rs [...]; Soma todo o dinheiro das esmolos 607 rs”¹⁵.



Planta geral do convento de Stº Elói do Porto (Séc. XVIII). A.H.M.P. – 2º Livro de Plantas, fol. 7

Ora, sobre a primitiva igreja e convento de Stº Elói do Porto, edificado no “Chão e circuito da cidade” em finais do século XV, pouco se sabe em virtude da escassez documental. Mesmo assim, o cónego lóio Manuel Justiniano do Evangelista, nas suas *Notícias da Igreja deste Convento*, chama-lhe “piqueno e limitado edificio” e diz ser a igreja “incapax para o grande concurso de gente que nella

¹⁴ NOVAES, Pe. Manoel Pereira de – *Anacrisis Historial – II*. Porto: CMP, 1918 (Coleção “Manuscritos agora dados à estampa”).

¹⁵ A. D. P. – *Cartório de Stº Elói*, Lvº 87, fols. 12 e 13.

assistia aos officios divinos”¹⁶. O mesmo já não se verifica em relação à segunda edificação da igreja e convento, ocorrida em finais do século XVI e inícios do século XVII. Para Rebelo da Costa, o convento de St^o Elói do Porto, então, o “mais bem dotado entre todos os da cidade”¹⁷. Também o cronista lóio corrobora esta afirmação sublinhando ser a igreja “das melhores daquela cidade, & Provincia”¹⁸. Aliás, desta segunda edificação, quer da igreja, quer da parte conventual, fala-nos detalhadamente o padre Francisco de St^a Maria:

“A igreja consta de hua só nave, mas muito mais espaçosa, & igualmente clara, & alegre. A capella mor tem tribuna ao moderno, obra riquíssima, & de grande perfeição, com seu painel excelente que a cobre toda pelo discurso do anno [...]. As paredes são apineladas có delicadíssimas pinturas, em que se representam os passos mais celebres da vida do nosso Patriarca S. Lourenço Justiniano: pode dizer-se desta capella có verdade, que está toda cuberta de ouro, & azul [...]. O corpo da igreja tem cinco capellas por banda [...]. O corpo é grande, & magestoso, de abobeda de esteira, onde esmerou a arte com tam primor, & valentia que he admiração de todos os que a vem com algúa noticia de architectura: he nelle duas grandes vidraças [...], tem hum órgão grande, & excellente de desassete registos em caixa toda vistosamente dourada [...]. A sacristia he pequena, mas muito enriquecida, & brincada, assim há muitas peças de prata, & ornamentos ricos, como caixões de pão preto, bronzeados, & contadores preciosos [...]. A torre he toda de cantaria ao moderno, bem lavrada, tem seis sinos [...]. O claustro he antigo, & pequeno pela estreitesa do sitio onde o convento foi fundado, mas he muito alegre e vistoso, com seu chafariz no meio, donde a agua se reparte para todos os officios da casa [...]. O corpo do convento consta de quatro dormitórios, dous grandes, que ficão para o meio dia, dous pequenos, que ficão para o poente”¹⁹.

Omitiu o padre St^a Maria o nome do construtor da igreja que, todavia, Novaes nos revela com elogio, a par das datas ligadas ao procedimento da fábrica. Deste modo, o beneditino lembra: “Por el anno de 1595 [...], a 6 de Setiembre, se começo a edificar la iglesia monasterial, siendo M^o de obras el grande architecto Manuel Garcez [...], e se acabo torre y iglesia en el año de 1614, el coro el de 1616”²⁰.

Ao que tudo indica, e fazendo fé nas palavras de Novaes, seria o referido architecto artista de nomeada, cujo nome também Sousa Viterbo oculta²¹.

Ora, se a documentação iconográfica do convento de St^o Elói do Porto é escassa, já a planta geral do convento e respectiva cerca são conhecidas pelo levantamento topográfico feito por D. José Champalimaud de Naussame²², em 1790. Nesta planta

¹⁶ A. D. P. – *Cartório de St^o Elói*, Lv^o 87, fols. 12 e 13.

¹⁷ COSTA, Pe. Agostinho Rebelo da, 1789 – *Descrição Topografica e Historica da cidade do Porto*. Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 11.

¹⁸ ST^a MARIA, 1697: 508.

¹⁹ ST^a MARIA, 1697: 508-510.

²⁰ NOVAES, 1918: 74.

²¹ VITERBO, Sousa, 1892-1922 – *Dicionário histórico documental dos architectos, engenheiros, construtores portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 3^o.

²² A. H. M. P. – *2^o Livro de Plantas*, fol 7.

de pormenor, vemos o terreno do mosteiro limitado a norte pela muralha fernandina, entre o Postigo dos Carros²³ e o Postigo das Hortas, que viriam a tomar o nome de Stº Elói. A nascente e a sul confinava com os prédios do Largo da Feira – S. Bento – e rua das Flores; a poente com o casario da rua dos Caldeireiros que corria até à praça de Stº Elói, onde o convento ladeava directamente a via pública. Aqui, olhando a poente, erguia-se a fronteira da igreja, separada do antigo muro defensivo pelo torre dos sinos²⁴.

Na transição do século XVIII para o século XIX, os cônegos empreenderam novamente obras no edifício conventual, destacando-se a majestosa frontaria voltada para a rua da Natividade, entre o muro do convento e a Fonte da Arca. No novo projecto, do arquitecto Costa Lima, estavam previstas pequenas lojas²⁵ com a finalidade de constituírem mais uma fonte de receita para a comunidade cenobítica. A este propósito, já em 1848, António Teixeira de Vasconcelos escrevia: “No passeio contíguo a esta casa costumava, e costuma ainda juntar-se bastante gente a conversar de dia, afora a muita gente que atravessa naquelle sitio para ir aos seus negócios [...]”²⁶. Alberto Pimentel, no seu detalhado estudo sobre a Praça Nova, descreve com pormenor o fervilhar daquele a que chama o “pasmatório dos Lóios”²⁷.

Ora, apesar do arrojado da obra, deveriam possuir os cônegos os necessários recursos, aliás, como sublinha Pinho Leal, “chegou a ser o convento de frades mais rico do Porto”²⁸.

Todavia, os acontecimentos políticos de 1832 não permitiram que os iniciadores de tão arrojado empreendimento o fruissem inteiramente concluído. De facto, o edifício dos lóios acabou vendido em hasta pública a Manuel Cardoso dos Santos, abastado contratador de tabaco com largos interesses no Brasil. Daí em diante o edifício atravessou as mais variadas vicissitudes e atropelos à sua elegância arquitectónica: “antepôs-se ao critério artístico a vontade de gente do negócio. Pena foi”²⁹.

2. A actual proposta de reabilitação vai no sentido de equiparar a nobreza arquitectónica do edificado numa área de transição do Centro Histórico para a Baixa. No âmbito da requalificação urbana, além do alargamento dos passeios, a

²³ Depois convertido em Porta.

²⁴ Anterior à rua das Flores, mandada abrir por D. Manuel, o terreno era seguramente mais extenso.

²⁵ “O local já era tradicionalmente de negócio. Junto ao muro mercadejava-se desde longa data”. VITORINO, Pedro, 1937 – *Notas de arqueologia portuense*. Porto: C. M. P., 158 (Col. “Documentos e Memórias para a História do Porto”).

²⁶ VASCONCELLOS, António Augusto Teixeira, 1848 – *Roberto Valença (Romance)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 176.

²⁷ PIMENTEL, Alberto, 1916 – *A Praça Nova*. Porto: Renascença Portuguesa, 158-159 (“Bibliotheca Histórica; II”).

²⁸ LEAL, Augusto Pinho, 1875 – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, vol. II, 293.

²⁹ VITORINO, 1937: 160.

intervenção chave é a abertura da praça interior do palácio das Cardosas, colocando árvores e zonas de estar e acessos ao futuro parque de estacionamento subterrâneo de três pisos com capacidade para quase 450 automóveis que servirá, sobretudo, o hotel de charme e os residentes. Pela praça será possível aceder aos espaços comerciais e apreciar as montras.

A par do comércio de proximidade, os consultores do projecto sugerem a instalação de lojas de criadores nacionais e internacionais, ligados à moda, a pensar na dinamização turística. Também a restauração deverá ser de qualidade. Prevê-se, pois, que o hotel venha a ter capacidade para 200 pessoas. A conclusão da obra está prevista para o último trimestre de 2010, dado que os trabalhos arqueológicos, em virtude da existência das fundações do antigo convento de Santa Maria da Consolação, já terminaram há algum tempo.

Na sua globalidade, o projecto do Intercontinental Porto Palácio das Cardosas prevê um investimento de mais de 31 milhões de euros e propõem assumir-se como “factor de animação e marca turística do Porto”³⁰. De realçar o facto de se tratar da captação de investimento privado que envolve a Solitaire, empresa que adquiriu o Palácio das Cardosas e a Intercontinental Hotels Group, um dos maiores grupos hoteleiros do mundo e que irá explorar em regime de concessão aquela infra-estrutura.

Parece-nos, pois, que a requalificação destes edifícios emblemáticos portuenses e a sua articulação com os operadores turísticos podem trazer, a curto trecho, o “regresso” da baixa.

³⁰ [Não assinado], 2008 – “Uma etapa na requalificação da Baixa: Vai nascer um hotel de luxo no Palácio das Cardosas”. *Porto Sempre. Revista da Câmara Municipal do Porto*. Porto. Nº 18, Abril, 9.

